

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

ANA PAULA PEREIRA BOTELHO

Relicário de Afetos: caminhos para um processo artístico-pedagógico na Escola Estadual do Parque São Jorge

Uberlândia, MG

2021

ANA PAULA PEREIRA BOTELHO

**Relicário de Afetos: processo artístico-pedagógico na Escola
Estadual do Parque São Jorge.**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a Dr^a Renata Bittencourt Meira.

Uberlândia, MG

2021

Dedico ao Gabriel

**TUDO TINHA DE SER
TUDO TINHA QUE ACONTECER
TUDO, TUDO MUDOU
DEPOIS QUE VOCÊ CHEGOU**
(Mundo Bita)

Agradecimentos

Aos meus pais e irmãos pelo apoio de sempre, minha mãe pelo cuidado com o Gabriel.

Minha família, meu amor Wallace que esteve comigo da inscrição à defesa, sempre paciente, me fazendo acreditar um pouco mais em mim. Ao Gabriel que surgiu no meio do processo pra botar tudo de cabeça pra baixo, no seu devido lugar.

As cumades cacheadas Cabaça, Leandro, Tati e Gêmea com quem eu falo da vida, arte e educação, divido a cerveja, o torresmo e o amor, pra onde eu corro pra ser amparada, quilombo.

Aos colegas do mestrado que se tornaram amigos.

Ao meus amigos de sempre que fazem minha vida mais leve.

A minha orientadora Dr^a Renata Meira, minha professora, minha “capitona”, quem eu admiro e me inspiro! Ao professor Dr^o Jarbas Siqueira que contribuiu muito no processo do mestrado! A disponibilidade de embarcar conosco mesmo que bem distante da professora Dr^a Isabel Bezela.

À Escola Estadual do Parque São Jorge, uma escola pública, periférica e de imensa qualidade. À equipe que insiste, estuda, trabalha e acredita que a educação pode ser diferente.

E em especial aos meus alunos, todos eles, mas com uma gratidão ainda maior aos dos segundos anos de 2019, que confiaram em mim e se disponibilizaram ao novo.

Me sinto triste por não compartilharmos o ano da formatura, de não revisitarmos nossos processos, mas felizes por concluirem uma importante etapa. Vocês brilham!

Obrigada por todo trabalho em equipe

Resumo

Este trabalho tem como proposta, a elaboração e aplicação de procedimentos e processos pedagógicos dentro da sala de aula, nas turmas de segundo ano do ensino médio da Escola Estadual do Parque São Jorge. Trata-se de um conjunto de práticas pedagógicas, flexíveis, embasadas na Curva de Vivência da Pedagogia Griô e que, sistematizadas dentro das possibilidades da educação formal, percorrem um caminho que busca desenvolver a preparação emocional na consciência de si, do outro, das memórias individuais em um coletivo, do pertencimento e da criação artística. A pesquisa teve início com a hipótese da existência de uma suposta cultura coletiva. A pesquisa de campo indicou, já no início do trabalho, que esta ideia não se sustentava no contexto da investigação. Seguimos, então, um caminho de exploração e compartilhamento das memórias, dos saberes, da afetividade e da identidade dos alunos colocando-os como sujeitos ativos e criadores. Esse processo culmina em expressões artísticas que surgem do levantamento de um tema recorrente para cada sala e a partir dali são realizadas produções artísticas sobre os temas de cada turma (2ºA Sono. 2ºB Guerra. 2ºC Fuga. 2ºD Avós, Café. 2ºE A Goiabeira de onde venho.), as memórias e as relações estabelecidas.

Palavras Chave: Memória, Práticas Pedagógicas, Criação em Artes.

Abstract

This work proposes the preparation and application of pedagogical procedures and processes within the classroom, in the second year classes of high school at the State School of Parque São Jorge. It is a set of pedagogical practices, flexible, based on the Curve of Experience of Pedagogy Griô and that, systematized within the possibilities of formal education, follow a path that develops an emotional preparation in the awareness of oneself, of the other, of individual memories in a collective, belonging and artistic creation. The research started with the hypothesis of the existence of a supposed collective culture. The field research indicated, at the beginning of the work, that this idea was not supported in the context of the investigation. We then followed a path of exploration and sharing of the memories, knowledge, affectivity and identity of the students, placing them as assets and creators. This process culminates in artistic expressions that arise from the survey of a recurring theme for each room and from there artistic productions are carried out on the themes of each class (2ºA Sono. 2ºB Guerra. 2ºC Fuga. 2ºD Avós, Café. 2ºE A Goiabeira de onde eu vim.), like memories and public relations.

Key Words: Memory, Pedagogical Practices, Creation in arts.

Lista de Imagens

Figura 1 - Aula embaixo da mangueira	8
Figura 2 - Aula no espaço externo da escola	11
Figura 3 - Confecção da Árvore Relicário	21
Figura 4 - A curva de vivência.....	22
Figura 5 - Árvore Relicário (aluna do 2ºD)	22
Figura 6 - Café de Afetos. Abertura da roda	22
Figura 79 - Café de Afetos, 2º B compartilhando memórias.....	22
Figura 8 - Criação da Árvore Relicário II	22
Figura 9 - Criação da Árvore Relicário I	22
Figura 10 - Árvore Relicário II	22
Figura 11 - - Árvore Relicário I	22
Figura 12 - Árvore Relicário III	22
Figura 13 - Árvore Relicário V	22
Figura 14 - Árvore Relicário IV	22
Figura 15 - Árvore Relicário VI	22
Figura 16 - Árvore Relicário VII.....	22
Figura 17 - Árvore Relicário VIII.....	22
Figura 18 - Desenho "Controlar as constelações: sobre leituras antes de dormir"	22
Figura 19 - Cena "A gente passa mais tempo na cama"	22
Figura 20 - -Desenho "A gente passa mais tempo na cama"	22
Figura 21 - Fotografia "O sonho de Carlos"	22
Figura 22 - Cena "O sonho de Carlos"	22
Figura 23 - Desenho "Lembranças: Meu avô previa o passado"	22
Figura 24 - Contação de Histórias: "Lembranças: Meu avô previa o passado"	22
Figura 25 - - Desenho "O ser avoado"	22
Figura 26 - Desenho "Surfista dos sonhos"	22
Figura 27 - Edição e crítica do filme "A Hora do Pesadelo"	22
Figura 28 - Produção de vídeo "Sonho, realidade, devaneio"	22
Figura 29 - Escultura em massa de modelar "Aviões de Guerra"	22
Figura 30 "O casamento de Irineu e Ana Baiana"	22
Figura 31 - Desenho "Foge fobia"	22
Figura 32 - Brincadeira musicada "Foge fobia"	22
Figura 33 - Contação de História "A Fuga de Jaci"	22
Figura 34 - "História em Poema".....	22
Figura 35 - Desenho, releitura da Obra "Café"	22
Figura 36 - Poema "Café e Avós"	22
Figura 37 – Vídeo “Entrevista com a vovó”	22
Figura 38 - Desenho "Goiaba"	22
Figura 39 - Desenho "Pausa para o café"	22
Figura 40 - 43 - Desenho "Por onde flor"	22
Figura 41 - Desenho "Lugar de criança, lugar de lembrança"	22

Figura 1 - Aula embaixo da mangueira



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

INTRODUÇÃO

Para compreender os objetivos, ponto de partida e os caminhos trilhados da pesquisa, se faz relevante afirmar que a cultura de um povo é capaz de transformar sua própria realidade por não ser estagnada, rígida e nem permanente. Ela acompanha as mudanças da história de um país ou comunidade e tudo que constrói a identidade destes, por serem realizados por ações ativas de pessoas no campo simbólico e estético.

Para realização da pesquisa, proponho diálogo com pensadores das culturas populares e da educação que compreendem a interculturalidade como relevante aspecto a ser trabalhado na escola. Nesse diálogo destaco: Lilian Pacheco com o livro “A Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida”, onde é exposto o projeto nacional¹ que incentiva a tradição popular nas escolas públicas formais, nos apresenta como metodologia possível a Curva da Vivência, que oportunizam os alunos a viverem experiências de consciência de si, do outro e de sua ancestralidade.

Também, quanto às questões pedagógicas, Renata Meira em “Experienciar, aprender, criar e ensinar”, apresenta a relação entre os saberes tradicionais, artísticos e acadêmicos, para a construção de um imaginário cênico enraizado em tradições a partir da experiência nas danças brasileiras.

.Os “Corpos Dóceis” de Foucaut chegam na pesquisa em contraponto ao “Corpo festa” de Daniel Costa, que apresenta o corpo discente como lugar de ritual, celebração e aprendizagem.

A pesquisa com abordagem qualitativa, parte da articulação do projeto com o processo educativo, sem a finalidade de armazenar dados quantitativos, visto que comproendo as informações como variáveis, de acordo com os participantes, o período de execução, entre outras condições que podem modificar o percurso coletivo, dessa forma as informações são indicativas para o processo de análise e reflexão.

Assim o método Fenomenológico que compreende o pensamento, ação e interpretação da experiência vivida, embasa esta pesquisa, onde proponho a oferecer terreno fértil para que os alunos possam explorar e compartilhar artisticamente as memórias, saberes e a identidade, “ir ao encontro das coisas em si

¹ Em 2004 o projeto Grãos de Luz e Griô, passa a integrar o Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. “(...)construção de um conhecimento; de envolvimento comunitário na Chapada Diamantina; de discussões sólidas sobre como associar a cultura tradicional com o processo educacional; de valorização da cultura no âmbito local.” (PACHECO, 2006, p.14)

mesmas" (HUSSERL, 1989, p. 17), para que eles coloquem-se como sujeito ativo e criador.

A fenomenologia entende os fenômenos e as experiências como a potência da construção do conhecimento "na qual radicam todas as outras regiões do ser, à qual estas estão referidas por sua essência, e da qual, portanto, todas são por essência dependentes" (HUSSERL, 1989, p. 165).

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual do Parque São Jorge, no bairro São Jorge, no ano de 2019, com o 2ºA, 2ºB, 2ºC, 2ºD e 2ºE, que eram no momento todas as turmas do segundo ano do Ensino Médio do turno da manhã. Concomitante à pesquisa surge a proposta pedagógica, que foi estruturada em 7 momentos:

- 1 - Roda de Conversa
- 2 - Exploração da Curva de Vivência
- 3 - A Árvore Relicário
- 4 - Café de Afetos / Contação de Histórias
- 5 - Colher miúdezas / Levantamento de matérias.
- 6 - Produção Artística Coletiva
- 7 - Compartilhamento de processos e produtos artísticos.

Esses momentos aconteceram no período de aula da disciplina de arte, uma vez por semana com duração de 50 minutos.

As rotas de caminho foram desviadas algumas vezes, visto que a pesquisa parte do pressuposto equivocado, de uma cultura que eu imaginava ser coletiva. Foi necessário a flexibilização da minha prática pedagógica como docente para mediar novas vivências, práticas e investigações artísticas.

Este novo percurso surge a partir de um processo de sensibilização, integração do grupo e criação de materiais artísticos e poéticos. As memórias individuais enquanto disparador criativo são inseridas no coletivo, buscando assim, trabalhar artísticamente as experiências e diversidades culturais no contexto escolar.

Figura 2 - Aula no espaço externo da escola



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

O CORPO COMO ESPAÇO DO SABER: A ESTRUTURA PREDIAL ESCOLAR E SUA INTERFERÊNCIA NA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA.

Pensar no lugar da arte na escola, assim como na disciplina Arte no currículo formal, é questionar como docente a relação que estamos dispostos a construir.

De fato podemos contribuir para uma experiência artística a partir de uma vivência transformadora e subjetiva ou nos limitamos com a relação professor/aluno à informação artística?

Alicerçada nas minhas inquietações como docente em uma escola formal, pública e periférica, proponho a arte como uma prática, que abre possibilidades de olhar o mundo de maneira mais ampla e que por si só é educativa. E que uma vez vivenciada pelos alunos, seja capaz de provocá-los a ponto de se sentirem pertencentes ao grupo social e cultural da comunidade em que estão inseridos, assim como sujeitos fazedores e fruidores de arte.

A escola tradicional nos apresenta uma série de dificuldades e objeções, que impactam na docência, mas especialmente e de forma mais preocupante, no processo de aprendizagem dos alunos.

O sistema tradicional escolar, especialmente a escola pública, em sua maioria, ainda se mantém de maneira arcaica. A estrutura predial é formada basicamente por salas com carteiras enfileiradas, ocupando todo espaço, impossibilitando ações corporais. É necessário não considerarmos o “corpo como uma categoria universal” (DE MARINIS, 2012), mas como ambiente de atravessamentos, a “corporeidade como uma experiência singular” (DE MARINIS, 2012) como condutor da percepção espacial, do terreno das sensações e os experimentos, do movimento interno, o lugar de constante aprendizagem.

O desenvolvimento psicossocial e cognitivo, no ensino formal por vezes é limitado, rotineiramente reprime a corporeidade, considerando o cognitivo como característica mental. Nessa padronização de ensino/aprendizagem, o formato curricular e estrutural das aulas, assim como a forma de avaliação inibem as potencialidades e criatividades dos alunos.

Numa reflexão que se aproxima das idéias de Foucault (1987) sobre a escola que controla e aprisiona, Lilian Pacheco nos relembra dessa estrutura arquitetônica e pedagógica que engessa e reprime a corporeidade, e anula a identidade e cultura do aluno.

Na maior parte do tempo, nas escolas nos vemos sentados de costas para os outros, nas filas, sirenes de polícias chamando para a merenda, cores sem vitalidade, livros sem heróis da nossa cultura, sem arte e significado da

vida; a imobilidade de horas sentados nas cadeiras com a caneta em punho, ouvindo monólogos de sobrevoos sobre uma realidade abstrata e estranha; nomes chamados para registros de presenças em cadernetas com notas que não falam da identidade de ninguém (...) (PACHECO, 2006, p.73).

Esse sistema de ensino que resiste por muitos anos, frequentemente despreza a criatividade e enaltece o mecanismo da aprendizagem, onde se decora conteúdo para avaliações com respostas objetivas, FREIRE (2000) ressalta a característica desse modelo de ensino que frequentemente deixa o aluno como sujeito periférico, não questionador.

Pouco ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras. Tudo ou quase tudo nos levando, desgraçadamente, pelo contrário, à passividade, ao “conhecimento” memorizado apenas, que, não exigindo de nós elaboração ou reelaboração, nos deixa em posição de inauténtica sabedoria. (FREIRE 2000 p.96)

A resposta concreta e sem a possibilidade da subjetividade, anula o posicionamento do aluno. O conteúdo é ensinado da mesma maneira a uma sala heterogênea com 40 estudantes, onde o comum é a impossibilidade de expressão e o silêncio exigido a todo o momento; a proposta aos estudantes é apenas a repetição de uma informação ou o resultado inflexível de operações matemáticas.

A escola também é essencialmente o ambiente social em que os adolescentes passam o maior período de tempo, o lugar onde se convive com as diversidades, é organizada na estrutura de fileiras, em um ambiente que não releva as diferenças corporais e não presa pela afetividade. A estrutura reforça lugar não democrático de fala, visão, tolhe as potencialidades, experiências, identidade e criatividade. É nesse ambiente massificador, que FOUCAULT (1987) aponta o controle de grupos a partir do domínio corpo.

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1987, p.163)

A partir desses corpos moldados e habituados com a estrutura é possível manobrá-los e manipulá-los, impondo-lhes limites e cerceando de experiências fora do controle de quem os domina.

A instituição escolar se mantém como disciplinar e não de investigação ou de experiência. A disposição espacial tradicional da sala de aula reforça ainda mais

essa característica, os alunos são inseridos em um espaço onde a vivência não é democrática, não beneficia a visão de todos nem o lugar de fala de alguns e dificulta essa mesma posição à outros.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. (FOUCAULT, 1987, p.173)

Nas salas de aula com carteiras enfileiradas, no ambiente inóspito tradicional, que reduz a importância da formação do sujeito plural, não cabem os anseios e desejos por uma docência que provoque nos alunos conscientização de si, do outro e de tudo que os rodeiam, não acolhe nossas demandas e necessidades artísticas, criativas e emocionais. Daniel Costa (2018) nos leva a refletir que a estrutura curricular e predial impactam também na movimentação e vitalidade do espaço escolar e dos sujeitos pertencentes a ele. “As instituições escolares, em muitos casos, são cerceadas pelo não movimento, pela não alegria, pela limitação da expressão, pelo silêncio e por uma obediência constrangedora.” (COSTA 2018 p.112).

A informação artística, ausente da vivência, pode ser repassada dentro dessa sala enrijecida, que restringe o contato físico, corporal e emocional entre os estudantes e o docente. Mas a experiência artística, que provoca a criatividade, a percepção da corporeidade e os sentidos, necessita de um ambiente acolhedor, democrático, que favoreça a interação entre culturas e o respeito mútuo.

Meu olhar se direciona para essa nova dimensão da transformação do espaço físico, que possibilita a promoção de atividades, envolvem os alunos como integrantes de uma comunidade, como seres políticos dotados de corpos expressivos, culturais, estéticos e poéticos.

São oportunizadas experiências artísticas, ressignificando a sala de aula e/ou

os ambientes de aprendizagem, e assim os provocando a entender que o processo artístico e de aprendizagem se faz presente nos diversos espaços em que o discente ocupa.

Pensar alternativas para driblar a estrutura escolar que reprime, silencia e por vezes é cômoda aos professores, não é negar uma realidade, mas é deixar de reproduzir um ambiente e uma pedagogia que também foi reproduzido a nós, docentes em exercício, e que vêm por um longo período sendo reforçados. Conforme FREIRE (2000) a transformação da sociedade requer que valores como o autoritarismo, privilégios e manipulações sejam ultrapassados, fazendo assim com que valores como autonomia, protagonismo e altruísmo se desenvolvam.

É necessário refletir e valorizar as interferências do educando, direcionando o olhar a uma possibilidade de posicionamento corporal e social no meio escolar.

O ambiente externo é tentador, a janela enche os olhos. O recreio é o momento mais feliz e esperado, quando se partilha o lanche, quando se movimenta o corpo, quando as experiências e o lugar de fala é dado ao aluno. Enquanto os professores passam dias a fio lutando para que o conteúdo incoerente com o dia-a-dia dos alunos seja motivo de atenção e assim decorado pelo estudante, um pássaro, as árvores ou a movimentação do lado externo, as simples intercorrências diárias são mais interessantes e prendem mais a atenção deles.

Estas observações e a reflexão apresentada me mobilizam a pensar e propor outras práticas. Eu, então, me pergunto: porque não comer e conversar ao mesmo tempo, fazendo desse momento uma oportunidade pedagógica? Com esta proposta percebo que é possível envolver a corporeidade ao valorizar os sentidos.

Podemos exercitar e utilizar de diferentes memórias: o paladar, a audição, o tato, para aprender, experimentar e significativamente compreender conteúdos. Reconheço que esta simples prática de compartilhar os alimentos se aproxima da metáfora da festa como uma qualidade corporal e de composição do ambiente. Para COSTA (2018) a festa gera um novo espaço-tempo e rompe com o ambiente rígido.

A festa como perspectiva de ação pode se relacionar a um espaço- tempo, distanciado dos aspectos positivistas que estancam conceitos e posturas metodológicas. Ela instala-se, portanto, num momento de rupturas em relação a um universo obediente e vinculado à necessidade já imposta de sobrevivência. (COSTA, 2018, p. 115)

Minha pesquisa considera a hipótese de que a quebra com a sistematização de aulas tradicionais, oportuniza ao trabalho corpos disponíveis, sociais e que são

carregados de histórias. Acredito, portanto, que é possível assim um aprendizado horizontal, onde o professor não é o detentor do saber, mas um mediador que possibilita e estimula a exploração de um espaço-tempo diferente do comum à escola.

Em oposição aos corpos dóceis, minha pesquisa propõe, a qualidade corporal festiva (Costa, 2018), o desenvolvimento da sensibilidade somática (Meira, 2005) e a prática criativa significativa (Pacheco, 2008), como diretrizes pra as aulas de artes no ensino médio.

Costa (2018) contribui com a pesquisa ao propor que a qualidade corporal festiva é um caminho para acionar elementos recorrentes a celebrações. Eu reconheço esta proposta como uma prática de ensino com atividades que oportunizem experiências significativas, capaz de estimular a reflexão e a possibilidade de desenvolvimento do discente em suas habilidades cognitivas, afetiva, estética, ética, poética, de relacionamento interpessoal e de inserção social. Corpo-festa não significa um corpo abandonado, mas um corpo plural, direcionado, estimulado e rico em criação e expressividade.

O deslocamento do corpo para o espaço da festa proporciona um olhar para a multidimensionalidade. Nesse aspecto, ao possibilitar que tal postura metafórica ganhe contornos expandidos, seja na criação artística ou nas práticas pedagógicas, ancoramos possibilidades de mudanças de perspectivas nas práticas de ensino e atuação nas linguagens da arte. (COSTA, 2018, p. 120)

A partir dos desejos coletivos, organizamos as etapas de trabalho sistematicamente e construimos um plano semestral de ensino dentro dos padrões, como exige a escola, e também significativo aos alunos, lançando mão dos espaços alternativos da escola e de vivências sensíveis em relação às ações artísticas, ao próprio corpo, ao corpo do outro e aos diferentes materiais.

Mesmo dependentes das condições climáticas, fizemos nosso espaço de criação na área externa da escola Estadual do Parque São Jorge². Iniciamos no um processo de aprendizado significativo e expressão do grupo, a abertura com a sensibilização em uma roda de conversa onde me coloco com mediadora, mas também mais uma do grupo; o despertar do olhar e registro sobre quem e o que nos

² A Escola Estadual do Parque São Jorge, onde sou professora de educação básica – arte, desde 2016, é localizada no bairro São Jorge, periferia de Uberlândia – MG, por muito tempo estigmatizada como “cadeião”, hoje ocupa o 24º lugar em aprovação no Enem (entre escolas públicas e privadas) e o 10º lugar (entre escolas públicas) de Uberlândia, segundo o blogenem.com

cerca; o ritual e o externalizar das lembranças com músicas e contação de histórias; o colher e partilhar materiais em pequenos grupos; o produzir artísticamente nossas memórias e a apresentação da construção coletiva dessa experiência.

O jardim, um espaço gramado com árvores e mesas de cimento. Um espaço cimentado no estacionamento dos professores, em baixo da mangueira e o estacionamento calçado de britas são nossos ateliês de criação. Onde experimentamos teatro, dança, música e artes visuais. Ali, consideramos o outro no seu espaço de fala, identidade e trabalho em grupo, apresentamos nossas subjetividades e temos incontáveis respostas corretas.

O momento das aulas práticas de arte no ambiente externo tem sido recebido de maneira muito positiva pelos alunos, tornando-se até mesmo um pedido diário. Na Escola Estadual do Parque São Jorge foi repensada a forma de avaliação, ela ainda é feita considerando o quantitativo, nota de 0 a 10. Mas com uma avaliação em forma de simulado do ENEM, aglomera todas as matérias, e o valor obtido na prova é considerado para todas as disciplinas, assim contribui para que o aluno que se destaca em uma matéria mas tem dificuldades em outra tenha possibilidade de atingir a média, um aluno que se destaca em artes, utiliza suas potencialidades para melhorar sua nota em física por exemplo.

Mesmo avançando nesse aspecto a forma avaliativa ainda se mantém na tradicionalidade de uma prova de múltipla escolha, assim como prevalece o formato tradicional de aula expositiva e com cópia de conteúdo teórico, de forma quase generalizada. Estar em estado festivo, em aulas no jardim ou no estacionamento, acontecem porque acredito nessas ações como caminho para aprendizagem pela vivência prática, dessa maneira as folhas reservadas nos cadernos para a disciplina de artes ficam com poucas páginas escritas e dão lugar a experiências vividas com o compartilhamento, conhecimento e respeito às memórias dos colegas de turma.

O corpo disponível às experimentações festivas, que dança, canta, desenha, pinta, também fala algo, mesmo que não verbalmente, e se apresenta como ser pertencente e modificador daquele ambiente.

Sutilmente eles se apresentam como corpos que dançam, que criam e brincam, não se apaga o saber do corpo, ele é produtor de saber tanto quanto o racional. O corpo como parte da construção de conhecimento, orienta a organização pedagógica dessa pesquisa, porque a sensibilização, a troca e o se expressar estão presentes durante o processo.

O PROFESSOR CRIADOR.

O sujeito em sua subjetividade e experiência individual carrega histórias, sentimentos e memória, e o ambiente escolar como ambiente de socialização permite a vivência, a experiência corporal e emocional coletivamente. As experiências individuais no coletivo e experiências coletivas a partir de fatos, memórias e experiências individuais compartilhadas encontram nas atividades desenvolvidas nessa pesquisa, espaço fértil e caminhos sensíveis que vão além da palavra. Assim foi meu aprendizado, com isso eu crio meu modo de ensinagem, na minha subjetividade e na minha experiência; estimulando a intersubjetividade por meio de experiências coletivas nas quais as experiências individuais revelam e moldam identidades.

Minha escolha como professora foi propor atividades onde a “experiência e a vivência artísticas como prática social, permite que os alunos sejam protagonistas e criadores” (BNCC, 2017. p.193), compartilhar memórias e criar um trabalho artístico coletivo a partir delas, no que elas se relacionam. Não me interessava insistir no ensinamento de uma cultura não portada pelo professor, ou na reprodução estética. Também entendo que as aulas de Artes na escola não têm objetivo de “criar” artistas, mas sim de avivar a reflexão de maneira crítica e criativa sobre as culturas que nos cercam e que eles são transmissores.

Nessas experiências estão , práticas culturais coletivas e diversas, aprendidas e socializadas no cotidiano e nos eventos festivos que mesmo que de forma não concreta ou consciente ali habitam, na forma de poesias, música, artesanatos, culinária e histórias de vida.

MEIRA (2005) explica, a partir das reflexões de Peter Burke, Garcia Canclini, Carlos Rodrigues Brandão e Pierre Bourdier, que as tradições populares se dão além do convívio familiar, e que o compartilhamento pelos “portadores ativos”³ é relevante canal de expressão de saberes, essas prática se diferem da transmissão sistemática escolar, que tem como eixo formador o professor.

Logo, coloco-me nessa pesquisa a partir das minhas práticas docentes e práticas artísticas, pressupondo que elas auxiliem no despertar de corpos sensíveis

³ Sujeitos da tradição que dominam as artes populares “Pode-se entender, assim, que esses são responsáveis, cada um em maior ou menor grau, pela manutenção da tradição de maneira dinâmica e viva” (MEIRA, 2005. p.104)

e criativos, na criação de estratégias e na sistematização de atividades. Procuro com minha proposta criar lacunas na rigidez dos muros que separam a vida escolar da vida do “mundo lá fora”. É uma pequena contribuição com objetivo de cultivar laços entre experiências significativas da vida dos estudantes e o ambiente escolar onde, apesar de todas as críticas aqui colocadas, é dado a todos e todas as jovens a oportunidade de acesso a uma formação transformadora e profissionalizante.

Podemos então, considerar o ambiente escolar também como lugar de troca e socialização cultural, estabelecendo ali, por meio de ações pedagógicas sensíveis e culturalmente significativas um espaço de potência para ativar senso crítico e desenvolvimento social.

Percebe-se, assim que o processo de transmissão da cultura popular tradicional não pode ser reconstruído em atividades de educação formal, nem mesmo em atividades não formais. Pode-se, sim, encontrá-lo na sociedade, e é muito importante considerá-lo parte da vida de cada sujeito que frequenta a escola e outros projetos de educação. (MEIRA, 2005, p.104)

Nessa proposta pedagógica o processo que envolve a manifestação cultural do aluno, é direcionado e instruído pelo professor, o direcionamento ou apontamento do olhar em nenhum momento deve limitar a experiência individual ou coletiva, mas de maneira orientada os alunos podem ser despertados a experimentar e vivenciar os encontros, as trocas e as atividades.

MEIRA (2005 p.105) destaca que “o caminho entre aprender e ensinar passa pela criação” e que fora do contexto tradicional a cultura ganha dinamicidade, assim se faz possível que o aluno apresente culturalmente sua individualidade em um coletivo.

Os processos que vivenciei no aprendizado do teatro e culturas vêm das metodologias e as experiências, dos caminhos percorridos na graduação e no grupo Baiadô⁴ e Balaio de Chita⁵ que têm a criação como um processo contínuo que motiva e revela competências e habilidades.

⁴ criado e coordenado pela Profª Drª Renata Bittencourt Meira, o grupo Baiadô realizava práticas, pesquisas, criações, experimentações, ensino e compartilhamento (entre outras inúmeras ações) das danças populares brasileiras de 2003 até 2011

⁵ O grupo Balaio de Chita surge a partir do encerramento das atividades práticas do grupo Baiadô, nele eu e alguns membros do Baiadô seguimos dando continuidade as pesquisas e práticas das danças brasileiras, o grupo que tem a quantidade de membro inconstante, não possui coordenador fixo, alguns membros compõe uma coordenação coletiva onde lideram a percussão, canto, dança e ações educacionais.

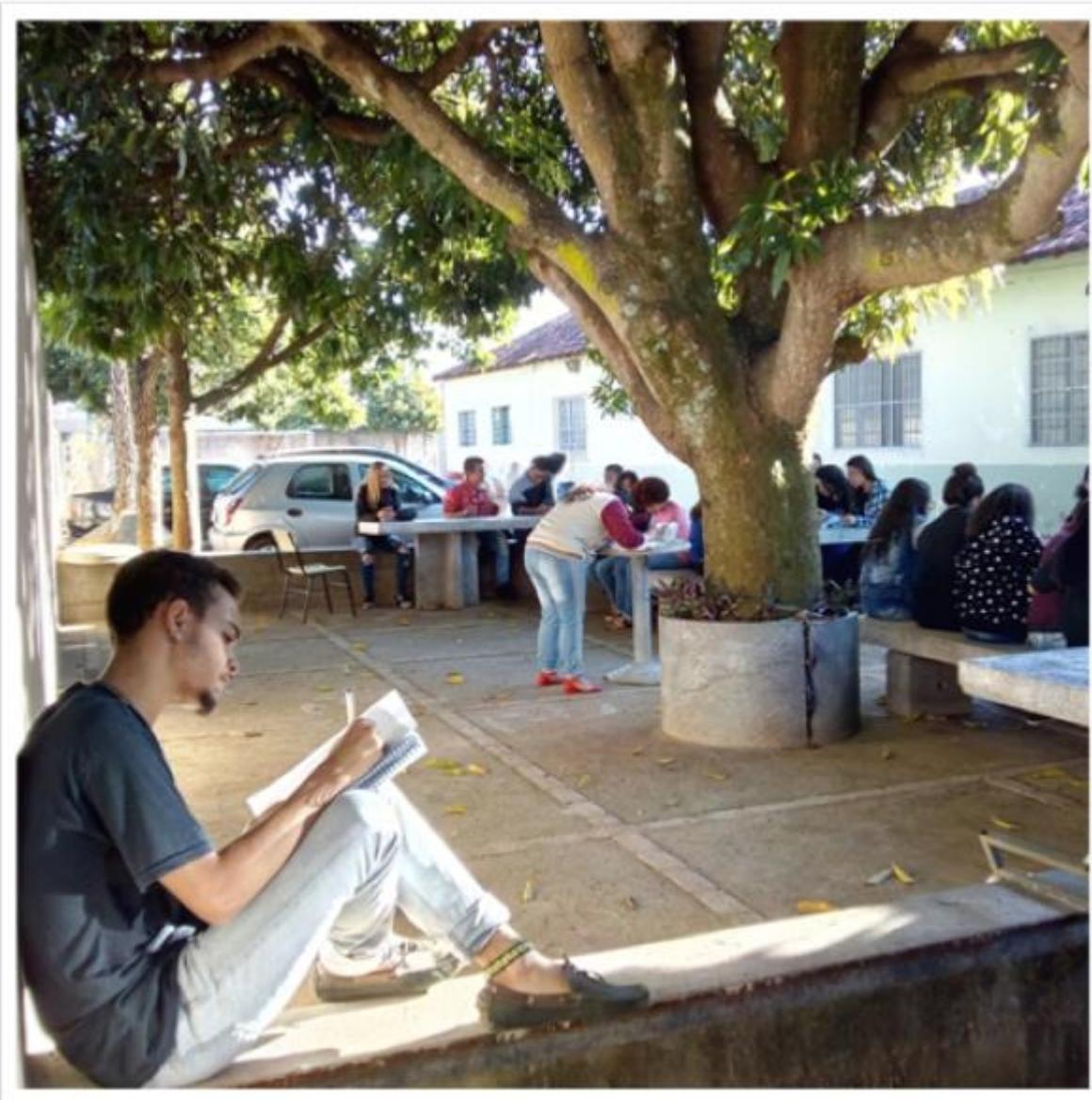
Experienciar e aprender as danças populares têm o objetivo de capacitar os integrantes do grupo para utilizar o repertório popular na elaboração de atividades culturais e didáticas, em oficinas de teatro e dança, em montagens cênicas e outras atividades de educação e expressão. Além de estabelecer o contato entre os saberes tradicionais, artísticos e acadêmicos, contribui para a construção de um imaginário cênico enraizado em tradições e para a solidificação da identidade cultural brasileira. (MEIRA, 2005. p.05).

Logo, quando consideramos o aluno como detentor de saber e passível ao compartilhamento, em um processo de ensino e aprendizagem horizontal, percebemos a posição do professor migrar de transmissor de saber para instigador e mediador de conteúdos inerentes a manifestação cultural e da produção artística, utiliza- se das ações pedagógicas como disparadoras para esse processo de compartilhamento e criação.

A criação uma proposta pedagógica elaborada a partir de minha experiência na perspectiva da fenomenologia, tem a investigação de questões a tentativa de possíveis caminhos para explorá-las, como disparador.

Em busca:	Ações:
Do espaço de trabalho	<p>Reconhecimento do entorno da escola, mapeamento da presença de manifestações de culturas populares, escolha de um grupo que tem uma prática cultural ativa para estabelecimento de contato e troca com os estudantes.</p> <p>Observação do espaço escolar e escolha de um local em que serão desenvolvidas as atividades de modo a permitir uma experiência diferenciada que integre o espaço de socialização, encontro e liberdade com o espaço de compartilhamento de conhecimentos, criação e realização.</p>
Da cultura local	<p>Rodas de conversa e pesquisa de campo com objetivo de conhecer, trocar e recolher fragmentos de memória, fotografias, histórias, informações, músicas, movimentos.</p> <p>Atividades como a Árvore Relicário e o Café de Afeto são disparadores para essa coleta.</p>
Da Curva de Vivência como inspiração pedagógica	<p>A partir da Pedagogia Griô, por meio de rodas de conversa e contação de história, estabelecer novo encontro entre os estudantes e o grupo cultural, agora, no espaço da escola.</p>
Da criação artística	<p>Produção Coletiva de materiais a partir das trocas e encontros. Estes materiais serão criados tendo por base a experiência e formação do professor que estiver à frente do trabalho, as potencialidades dos estudantes e as características das culturas populares envolvidas no projeto.</p>

Figura 3 - Confecção da Árvore Relicário



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. SOBRE MEMÓRIA
E IDENTIDADE: DESVIO DE ROTA, UM NOVO
CAMINHO.**

Considerando o corpo como espaço criativo e de saber, assim como o professor como mediador de processos pedagógicos, inicio a pesquisa do mestrado e de investigação com os alunos a partir da minha inquietação ao perceber que os movimentos culturais presentes na região da escola e bairro onde os alunos moram, não refletiam, em seus processos de análise e pensamento, sobre as culturas populares.

Nas atividades iniciais de sondagem e discussão sobre a cultura que os cercavam, percebi que a realidade para muitos era que a manifestação popular do congado e seus desdobramentos, não havia nenhum sentido ou influência.

Intrigava-me perceber que a dança e a oralidade, apesar de serem fortes no bairro passaram quase despercebidas e esse foi o meu mote inicial para elaborar um plano de ação, a fim de atingir elementos para composição de aulas e estudos das culturas populares locais, para os alunos das escolas da região, bem como ações de valorização e (re)conhecimento cultural regional, nos quais a partir da tradição oral em diálogo com a educação formal incentivaria o reconhecimento e a transmissão dos saberes e fazeres dos mestres de tradição oral.

Desde meu ingresso como docente no ensino médio, sou orientada a cumprir um programa de disciplinas para o segundo ano, dividido em quatro bimestres, nas quatro linguagens obrigatórias da disciplina de arte: visuais, dança, música e teatro, com os conteúdos fragmentados.

Considerando o ser humano em sua totalidade e diversidade, partindo de reflexões com essa pesquisa, refiz a proposta para uma nova prática de ensino, em atividades que oportunizem práticas, capazes de estimular a reflexão e a possibilidade de desenvolvimento do discente em suas habilidades cognitivas, afetiva, estética, ética, poética, de relacionamento interpessoal e de inserção social. A prática pedagógica é renovada pela criação e execução de uma sequência de aulas que não sejam desconexas ou que segreguem o conteúdo, mas que de maneira oposta, apresentem a relação indivisível que as culturas e memórias possuem, possibilitando uma construção simbólica de aprendizado, evitando o senso comum ou a massificação da vivência, para que o encontro dos conhecimentos e a expressão da identidade sejam de fato a criação de experiências. BONDIA (2002, p.21) afirma que a experiência é algo pessoal e intransferível, é o que nos acontece, nos passa; não o que acontece ou que toca. BONDIA (2002, p. 22) ainda nos faz refletir sobre o homem contemporâneo que tem sua experiência adiada pelo excesso

de informações e escassez do tempo, de fato esses tópicos são de extrema importância e devem ser considerados, repensados e modificados.

Uma vez definida esta nova estrutura pedagógica, propus a realização de uma sequência de aulas previstas para um bimestre, totalizando oito semanas de atividades, que seguiriam as seguintes etapas:

Etapa 1: Levantamento e discussão dos principais temas abordados no projeto: educação, tradição oral, culturas populares. A fim de tecer paralelos entre o ensino das culturas populares e a tradição popular. Aula no formato de roda de conversa.

Etapa 2: Participação das atividades do terno Estrela Guia, com intuito de estreitar relações e compreender as demais atividades propostas pelos coordenadores do grupo que ultrapassam os ensaios e a festa da congada. Os alunos seriam convidados a conhecer o espaço e diversas atividades do grupo. Aula no formato de pesquisa de campo

Etapa 3: Levantamento de materiais pelos alunos e professora, como: fotografias, reportagens, etc, com enfoque nas Culturas Populares Brasileiras, regionais e locais, a história do bairro e do terno visitado. Levantamento de dados, coleção de miúdezas.

Etapa 4: Roda de conversa com alunos participantes da pesquisa, com intuito de diagnosticar o panorama e reconhecimento cultural dos estudantes no que diz respeito a cultura popular. Retorno à roda de conversa e avaliação da ação.

Etapa 5: Apreciação da estrutura da Curva de Vivência , da Pedagogia griô, a fim de compreender e propor processos de compartilhamento e troca dos estudantes com os integrantes do Estrela Guia.

Etapa 6: Encontros dos alunos com os moçambiqueiros do terno Estrela Guia para bate papo e contação de histórias nas dependências da escola. Baseado na Curva de Vivência da Pedagogia Griô.

Etapa 7: Produção Coletiva de materiais a partir da vivencia das etapas supracitadas.

Etapa 8: Compartilhamento dos materiais e finalização do projeto .

No inicio do ano letivo de 2019, apresento estas 8 etapas como um plano pedágogico, com objetivo da experimentação de novas possibilidades de uma prática pedagógica que vai além do cumprimento do currículo, mas oportuniza e revela um possível interesse para reflexão de sua própria identidade a partir da sociedade onde a escola está inserida.

Esta prática se desenvolveu em aulas criadas com a intenção de serem ambientes significativos aos alunos, em estruturas que permitam que os estudantes protagonizassem uma experiência e que possam dar ao professor a posição de mediador, proposito. Desse modo é também parte da experiência coletiva e não assume o papel autoritário de detentor de conhecimento e transmissor de informações.

Porém é de grande valia pensarmos além da estrutura de aula e espaços, na escola como veículo de compartilhamento de conhecimentos e que inserido em um contexto cultural específico tem características próprias, influenciada pelo espaço geográfico e pelo público que a forma, os alunos com suas vivências são sujeitos políticos e sociais que trazem múltiplas culturas para o ambiente escolar.

Perceber e experimentar as culturas e os movimentos que circundam esse espaço é promover a troca cultural. As manifestações culturais, de tradição e artísticas, que os alunos estão envolvidos além de fomentar um ambiente cultural rico contribui para a formação do coletivo.

Para a antropologia, cruzar fronteiras culturais tem sido, por vezes, um método para promover harmonia inter-grupos . Em um mundo cada vez mais em conflito, a educação multicultural busca a preservação da cultura e da harmonia, respeito e tolerância, através do desenvolvimento das competências interculturais . (Richter, 2003. p.13)

A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular vem como um documento democratizador, o currículo comum a todo o país unifica o programa da educação básica, contudo considera as especificidades das culturas regionais e locais.

Tradicionalmente tivemos as artes visuais como base da disciplina de artes, anteriormente artes plásticas e educação artística, todas com foco especialmente no desenho e/ou história das artes visuais. A BNCC contempla as linguagens da arte: visuais, música, teatro e dança, como também as artes integradas: performance, ópera, circo...

Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BNCC, 2017. p. 193)

Os seis verbos apresentados no documento: criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir, integram a BNCC à presente pesquisa. A partir deles reconheço as práticas e posições que o sujeito de aprendizagem em artes constrói dentro das aulas, como o protagonismo do aluno que sai da posição passiva, que faz leituras do mundo a partir das artes, que considera e interpreta produções, que ocupa o lugar de fala como sujeito social e político, que desenvolve a criticidade e a reflexão.

O documento ainda contempla a interação crítica, o respeito e o diálogo com as diferenças, que são aspectos relevantes para esse e outras atividades coletivas.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BNCC, 2017. p.193)

Em meio à massificação da sociedade, do ensino e da cultura, se faz necessário pensar em identidade e memória. O novo documento da base nacional comum curricular afirma a necessidade desse trabalho destacando a comunidade cultural em que o estudante vive, como também sua cultura individual.

Deve articular, portanto, manifestações culturais de tempos e espaços diversos englobando o entorno cultural e artístico do estudante, as produções passadas e contemporâneas, de forma histórica, social e política, propiciando entendimento dos costumes e valores culturais, e que aliam-se ao desenvolvimento das competências gerais, ou seja, a formação integral do ser em desenvolvimento. (BNCC, 2017. p.520)

Considerando essa realidade e necessidade, o novo mergulho e a reestruturação do planejamento curricular do segundo ano do ensino médio, permearam minha prática como docente e as vivências significativas dos discentes ao explorar, apresentar e potencializar as experiências.

Olhar sobre a Curva de Vivência.

A grande diversidade cultural e a riqueza da ancestralidade, as identidades culturais tradicionais e a valorização da oralidade são os objetivos maiores da Pedagogia Griô, criada por Lilian Pacheco e Márcio Caires na ONG Grãos de Luz em Lençóis – BA. Lençóis é uma cidade situada na Chapada Diamantina a cidade é povoada em sua maioria por famílias de ex garimpeiros que trabalhavam na região, e que hoje já não conseguem viver do garimpo, devido a escassez dos minerais antes explorados na região. Grande parte da população é descendente de escravos, e carregam ricas histórias sobre a identidade do lugar. Os mais velhos iam morrendo e com eles a história que cercava todo aquele lugar, rico em belezas naturais. A necessidade de manterem vivas as identidades culturais tradicionais, trouxe a inquietação a Lilian e Márcio que sistematizaram uma forma de partilhar a oralidade trazida pelos mais velhos, que são chamados de Griô. (em francês griot, sinônimo de sangue que circula).

Durante todo ano é vinculado nas disciplinas das escolas públicas de Lençóis - BA, um mito da origem local, todo o conteúdo regular passa por esse mito de alguma forma, e regularmente o griô (assim chamado o mestre griô) visita a escola contando histórias. Existe uma preparação emocional e corporal para receber as histórias, que segue em abrir o ciclo, integrar a roda, extravasar energia e colocar-se na roda, harmonizar para que então seja contado o mito, esse ciclo foi nomeado como Curva de Vivência.

A Curva de Vivência é um ritual de preparação dos participantes da atividade para integrar à contação de história, acredito na possibilidade da utilização desse mesmo processo em diferentes atividades, ela é uma sequência de acontecimentos, de troca, vivências afetivas e culturais entre os participantes da mesma. Todo o processo da vivência é preenchido de momentos para auto conhecimento, valorização da identidade, e a possibilidade de exteriorizar sentimentos e sensações que percorre o indivíduo no momento que participa da mesma. Ela, trás a ideia de que cada encontro, reunião ou aula deve ser um ritual que começa na chegada e que dura até a saída.

O trabalho inicia-se com a primeira etapa do: “Olhar sobre a Curva de Vivência, o onde estou inserido?” Em uma roda de conversa, analisamos a Curva de Vivência da Pegagogia Griô, sua potência expressiva e relacional da a consciência

de si, do outro e da ancestralidade de ambos, revisitadas através da memória e reforçada pela identidade, narrativa oral e expressão artística.

Nesse processo foi possível iniciar, por mim, a investigação das culturas, memórias e influências culturais.

Figura 4 - A curva de vivência



Fonte: PACHECO 2006. p.93

A curva de vivência é inserida nesta pesquisa como inspiração pedagógica para a construção das práticas adaptadas à realidade da escola onde foi desenvolvida a pesquisa, uma vez que as fundações que abrigam a curva se faz também terreno para as práticas. Despertar, refletir, sensibilizar, se expressar e compartilhar: A Abertura: como um momento de chegar no espaço, reconhecer o ambiente, pedir licença e especialmente revisitá as lembranças; a Integração:

momento de conhecer os (re)companheiros, valorização do ser como pessoa; Expressão da Identidade: receber e compartilhar histórias, memórias; Harmonização: equalização das memórias e a composição de um fio condutor comum às histórias; Contação de histórias e Expressões artística como momentos de criação de narrativas; Despedida: apresentação do produto e/ou processo artístico.

Utilizando-a como uma possível ferramenta poética e envolvente para trabalho das culturas que possibilita a expressão da cultura de cada um e, por consequência possibilita também o conhecimento da cultura dos outros integrantes do grupo. RICHTER (2003) aponta a estética e o encantamento como potencial forma de trabalho com as crianças, esta pesquisa propõe o encantamento para turmas de adolescentes.

O ensino da arte na escola precisa preservar essa linha de encantamento do universo estético das crianças, para poder não somente contextualizar o ensino da arte em si, mas também contextualizá-lo em relação ao meio cultural e estético em que as crianças estão inseridas. (RICHTER, 2003. p.41)

A Curva de Vivência inspira nesta pesquisa uma prática de integração, que evidencia desde a percepção da consciência de si à consciência ancestral, em decorrência a elas o processo contribui para a consciência do outro. Dessa forma ao compartilhar as memórias, resgatar a ancestralidade e experienciar junto ao outro práticas afetivas, vivencia-se o compartilhamento cultural e frequentemente se chega a um encontro de manifestações comuns àquela comunidade, tratando-se de ambiente escolar este trabalho deixa notável a que a escola está imersa as culturas locais.

Os/as educadores/as devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus/suas alunos/as em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas, e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. (RICHTER, 2003. p.15)

A relação da sua cultura com a cultura do outro é compreendida quando sujeito tem consciência de sua própria. Nesse processo inicial de sondagem e discussão sobre a cultura que os cercavam, percebi que mesmo com meus estímulos pedagógicos, e instigação ao ambiente social a que pertenciam, a

realidade para muitos era que naquelas manifestações do bairro não havia nenhum sentido ou influência.

A partir da provocação de falar sobre cultura popular, as manifestações que se destacavam em suas falas eram a capoeira, o forró e mesmo assim de forma distante. Quando eu trazia o tema do congado, pouquíssimos alunos falavam de suas experiências com o tema, alguns falavam que escutava ou já havia visto e em sua maioria não manifestavam ou diziam que sabiam da festa que acontecia no centro da cidade.

Meu objetivo era trabalhar a cultura dos alunos, porém essa cultura foi idealizada por mim, ao supor que pela localização das residências, pelo forte trabalho social, cultural e educativo realizado pelo Centro Cultural Estrela Guia bem como pela tradição da cidade, a cultura congadeira seria rotina na vida dos alunos. Foi necessária uma mudança de rumo, uma vez que foi descoberto que uma premissa da pesquisa não se adequava ao universo da ação da investigação. Esta reviravolta na pesquisa deixou claro o caráter criativo da prática docente.

Árvore Relicário

Figura 5 - Árvore Relicário (aluna do 2ºD)



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula

Pereira Botelho, 2019.

nessa árvore fossem colocados os nomes de cada membro da família, e nela poderia e deveria conter memórias, como suas “características marcantes”, a “lembraça mais forte” e/ou o que “eu herdei”.

Os membros da família devem ser conhecidos pelo autor da árvore, e as pessoas dentro das ramificações são o que cada um considera sua família, não é necessário que seja família consanguínea. Dessa forma padrasto, madrasta, irmãos adotivos entre outras várias possibilidades de uma composição familiar é válida. Assim como uma tia ou madrinha, por exemplo, que o aluno julga ter influência cultural ou que seja fundamental sua presença. A estrutura da árvore é livre, assim aos alunos tem a liberdade artística de criar conforme compreendem essa disposição. Esta concepção aberta e afetiva da genealogia foi fundamental para que o processo fosse inclusivo.

Propus então uma prática que denominei “Árvore Relicário”, na busca por referências culturais significativas para os estudantes, troquei a experiência de encontros e trocas com manifestações culturais locais por uma investigação de referências, práticas e memórias culturais intimamente ligadas com a história de vida de cada estudante.

O exercício sugeria aos alunos registrar no papel sua árvore genealógica, contudo utilizei o termo relicário como um lugar destinado a guardar relíquias e preciosidades, com o propósito de evidenciar os laços afetivos e não as genéticas familiares, foi orientado aos alunos que

O procedimento pedagógico proposto estimula a memória, imaginação, criação, e propõe a expressão dos alunos através do desenho. Uma ação artística que possibilita a expressão subjetiva, potencializa e fortalece o sentimento de pertencimento social e cultural.

A estrutura estética das árvores foi diversamente variada, nelas constavam de forma muito simples as lembranças como: a cidade de origem, as mudanças de cidades, as precariedades, mudanças da formação familiar, das brincadeiras, atividades e lugares de convivência coletiva, entre várias outras. Enquanto a confeccionavam, muitos alunos de maneira espontânea comentavam algo de suas memórias.

Com o desenvolver das atividades, pude responder a pergunta inicial que me motivou ao mestrado, grande parte dos alunos da Escola Estadual do Parque São Jorge não é nascida ou teve sua infância no bairro, pelo menos a metade de todas as turmas vieram de outros bairros e cidades, em especial do norte de Minas Gerais.

A organização da estrutura educacional do estado de Minas Gerais, se dá pela lotação da sala, logo, os alunos já matriculados no primeiro ano do ensino médio dão prosseguimento aos estudos nas salas iniciais (A, B, C...) a cada 40 alunos matriculados, o sistema libera a formação de uma nova turma, dessa maneira os alunos que renovam suas matrículas de um ano para o seguinte preenchem as primeiras turmas e os recém chegados de outras escolas, bairros e cidades ficam para as turmas finais (como a D e E).

A pergunta inicial estava respondida, ao respondê-la surge a necessidade e desejo de uma prática significativa para o trabalho com as memórias, na criação de caminhos pedagógicos para o trabalho da nova realidade apresentada.

O próximo passo foi trabalhar memórias e identidades, de em especial na coletividade, a consciência de si, do outro, da ancestralidade e o lugar de fala e expressão.

Eventualmente, quando os alunos são expostos individualmente, evitam demonstrar sua herança cultural ou participação em manifestações populares, existe a negação ou omissão da sua cultura, isso acontece de maneira diferente quando há o envolvimento coletivo. A expressão em grupo fortalece o acolhimento e o sentimento de pertencimento.

Conforme Stuart Hall, o sujeito pós-moderno constitui suas identidades por meio do deslocamento social, ele aponta que “o sujeito assume identidades

diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2006, p. 13)

No ambiente escolar os alunos assumem um “eu coletivo”, eles buscam inserir-se no grupo e a aceitação social a partir do que é comum aos colegas, não gostam de exposição individual.

Existe o papel de liderança nos grupos formados, esses líderes ocupam o lugar de destaque, apesar disso não sustentam a apresentação de sua individualidade.

Em um ambiente preparado para receber a palavra, as relações interpessoais modificam o lugar social. . Ao finalizar a “Arvore Relicário”, tínhamos um desenho novo de influências culturais, tínhamos também algum acúmulo da experiência relacional. Conseguimos realizar uma prática em que cada um criou seu lugar. Surgem novas necessidades para a continuidade da pesquisa.

Fez-me necessário, nesse momento, direcionar uma ação pedagógica que estimulasse o compartilhamento das memórias dos alunos, lancei mão da oralidade, que de maneira inicial oportunizou aos alunos se expressarem emocionalmente no coletivo.

O seguimento das aulas então, se deu no “Café de Afetos”, experimento a partir do compartilhamento de alimentos e lembranças. Como o processo culminou oralmente nas etapas anteriores, o ambiente foi preparado para que os alunos compartilhassem suas árvores. Cada participante contribuiu com o alimento presente em sua memória afetiva, então iniciou-se o processo relacional da memória e a oralidade.

Café de Afetos

Figura 6 - Café de Afetos. Abertura da roda



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

mandioca... são disparadores afetivos para as memórias.

Conseguinte a preparação do ambiente e da roda, é aberta a fala e especialmente a escuta, sem ordem pré-estabelecida, oralmente cada aluno conta sua história, sua lembrança e apresenta aos participantes suas influencias e ancestralidade.

A palavra usada como elemento principal para transição do concreto para o universo simbólico possibilita um ambiente favorável a imaginação e criatividade. Em suas

A roda é iniciada por canções de abertura, que pode ser proposta por qualquer integrante, essas músicas seguem as indicações já apresentada na Curva de Vivência. Sem interromper a música, compartilhamos a comida, surgem os burburinhos sobre os alimentos, de onde vieram, quem os fizeram , quando e como elas eram servidas, se instaura a festa. É interessante notar como os alimentos compartilhados e que tem ligação com a memória, fazem também referência aos lugares de origem, o pão de queijo, bolo de cenoura com cobertura de chocolate, os queijos do norte de minas, doces também dessa região, bolo de

Figura 79 - Café de Afetos, 2º B compartilhando memórias.



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

reflexões sobre a experiência BONDIA (2012) nos apresenta a potencialidade da palavra

(...) as palavras produzem sentido, criando realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (BONDIA, 2002. p. 21)

A transmissão oral trabalha com a memória individual e/ou coletiva, a memória se transforma e pode transformar a tradição. Ela é um objeto histórico e se faz como um recurso eficaz para trabalhar as questões das diversidades culturais, elementos históricos, narrativas locais, que são carregadas do cenário das culturas regionais e locais e da sociedade em que a pessoa está inserida.

Nesse café, foram compartilhadas as memórias e as árvores, a partir daí enquanto compartilhávamos os alimentos trazidos por todos, os alunos estabeleciam e apresentavam oralmente a relação da história e música inicial com suas próprias memórias, a prática que começou tímida, em todas as salas e tornou-se de uma grande dimensão, ora formando grupos menores de compartilhamento, ora voltando a ser um só coletivo, o café e a roda de conversa durou 50 minutos em cada turma, o tempo destinado à uma aula.

Os alunos tornaram-se protagonistas a partir de narrativas, que possuem de alguma maneira um vínculo afetivo e significativo com a sua história de vida, fazendo assim com que ela se reconheça. Ao reconhecer sua cultura, favorece sua autoestima e reforça sua identidade. O envolvimento crescente com o qual os estudantes participaram do “Café de Afetos”, as canções compartilhadas, o modo seguro como foram contadas as histórias, indicam o fortalecimento da autoestima e da identidade de cada um.

Trata-se também de conhecer a cultura de quem os cercam, desenvolvendo o respeito e a valorização da história e a empatia.

Colher miúdezas

Ao fim da aula de cada turma o assunto recorrente no café, já era o tema estabelecido para a criação artística. Cada sala intitulou o trabalho a partir do tema, esse título foi sugerido pelos alunos. Dessa maneira tivemos os seguintes disparadores para a confecção artística:

2º A – Sono. Estimulados e envolvidos pelas músicas que abriram a roda de conversa do café, relembramos as canções que os pais cantavam para que cada um adormecesse, a conversa também chegou às histórias na cama, e a forma de acordar e dormir de cada família.

2º B – Guerra. O tema inicia com guerra de mamona, uma brincadeira que foi presente na infância de muitos, o assunto se estendeu para uso e confecção de estilingue e chegou até as “guerras” familiares, “guerras internas” e as guerras que trouxeram seus antepassados para o lugar em que estão.

2º C – Fuga. O tema surge com as fugas especialmente dos familiares que fugiram de algum outro lugar para Uberlândia.

2º D - Avós, café. O tema vem aparece com o “café preto”, a forma do preparo, especialmente na casa dos avós, as memórias que o cheiro, o sabor, o doce ou o amargo trazem, junto com as histórias e “causos”.

2º E - A goiabeira de onde venho. O tema vem da discussão sobre a vegetação, especialmente sobre as árvores frutíferas dos lugares de origem de cada aluno, sua relação com a natureza na infância, o subir em árvores e o pé de goiaba que vem como fruta recorrente na turma.

Com os conteúdos disparadores determinados, a aula seguinte foi destinada para a captação de material para a confecção do processo criativo, a fim de construir um trabalho que pode apresentar como potencialidades a sensibilidade e criticidade, proponho a apreciação e leitura de diferentes obras pré-selecionadas, que dialogam com os temas. São elas:

2º A - As telas: O pesadelo (1781) de Johann Heinrich Füssli. A Persistência da Memória (1931) de Salvador Dalí. O Sonho (1932) de Pablo Picasso.

Trecho da animação: A Bela Adormecida (1959) – Walt Disney 2º B - A tela: Cabo de guerra (2011) de Ricardo Ferrari Vídeo documentário (extraído do youtube): Você Sabia? Mamona ou mamoneira. Música: A Última Guerra (2000) - Skank

2º C - A tela: Retirantes (1944) de Cândido Portinari. Trecho das animações: Branca

de Neve e os Sete Anões (1938) – Walt Disney A Fuga das Galinhas (2000) - Aardman Animations, DreamWorks SKG, DreamWorks Animation, Pathé. Música: Faroeste Caboclo – Legião Urbana.

2º D – As telas: Café (1935) de Cândido Portinari. Mi Familia (1949) de Frida Kahlo. Trecho da Animação: Moana: Um Mar de Aventuras (2017) - Walt Disney Infográfico animado(extraído do youtube): Café – mais que uma bebida Música: Simplicidade (2005) – Pato Fu

2º E – As telas: Goiabeira (2015) de Adriano Cabra. Morro da Favela (1924) de Tarsila do Amaral

A atividade de fruição teve o direcionamento que estimulou a análise, considerando a interpretação da história que a obra conta, os elemento de destaque e a relação da obra com suas memórias.

Nas duas semanas seguintes todo o horário das aulas foi reservado para a produção coletiva de um produto artístico, proveniente do processo vivido, foram discutidas junto aos alunos as inúmeras possibilidades de criação.

As turmas se dividiram em grupos de trabalho, com cerca de 5 integrantes cada, foram disponibilizadas duas aulas de para a produção e duas para apresentação, a orientação era que dentro do tema os alunos conversassem um pouco mais, dividissem suas experiências, memórias e criassem artísticamente aquilo que permeava as histórias de cada um e que de alguma forma, estabeleciam diálogos entre elas, dentro das produções artísticas foram realizados desenhos, cenas teatrais, fotografias, poemas, pinturas, esculturas, entrevistas, críticas de filmes e músicas.

Compartilhamento dos materiais artísticos.

Assim como na Curva de Vivência, encerra-se a sequência das aulas, com o compartilhamento dos produtos artísticos.

Os afetos e os saberes vividos são expressos e apreciados, revelando beleza em diversas linguagens artísticas e ofícios artesanais locais: pinturas e desenhos com as cores da cultura, cordéis que pensam o mundo a partir da linguagem do povo; retalhos, bonecos que contam suas histórias, danças e músicas que elaboram e ressignificam a leitura da realidade (PACHECO 2006. p.92)

As expressões artísticas acessam um mundo simbólico e estabelecem vínculos, criados a partir da empatia pelas histórias e memórias e possibilita diálogos da vivência afetiva e cultural. PACHECO (2006) nos relembra dos reencontros às memórias, tecidos pela experiência individual no coletivo e as experiências coletivas que tocam na individualidade.

(...) assim como os rituais de vínculo e aprendizagem, vivemos a perda e o reencontro com o fio da nossa própria história. Recuperamos um sentimento de igualdade na diferença, de diferença na igualdade. Saímos das filas e de papéis sociais que nos redescobrem humanos. (PACHECO 2006. p.99)

Os alunos se apresentarem de forma artística, em grupo exteriorizam suas narrativas, com apresentação livre dos produtos artísticos que produziram, carregados de vínculos afetivos e significativos em sua história de vida. Nos desenhos, esculturas, produções de vídeo, músicas e poemas os alunos contribuiram para que os colegas também se reconhecessem em suas histórias, favorecendo o cuidado com sua autoestima e reforço de sua identidade.

A todo o momento houve comentários de reconhecimento na que estava sendo apresentada, a expressão “eu também” se fez presente e recorrente no compartilhamento dos colegas, que são sujeitos da convivência diária, com elas nos fez conhecer as culturas de quem nos cercam e perceber semelhanças no que achavámos tão distante. Conhecer a cultura do outro é um grande passo para desenvolvimento da tolerância, o respeito, empatia e a valorização da história e cultura do colega.

Acredito que todo o processo foi de fato importante para a experimentação dos alunos com a arte, o (re)conhecimento cultural e a produção coletiva e

colaborativa. Ainda nesse projeto educacional podemos perceber a junção de práticas tradicionais, da arte, da oralidade, do uso das tecnologias, reafirmando assim o possível e proveitoso diálogo destas possibilidades de trabalho.

Percebo a proposta como um novo espaço para a experimentação no campo das artes da E. E. Parque São Jorge, muitos alunos foram condicionados, pela recorrência dessa forma de aula, a apresentarem trabalhos avaliativos em forma de aula expositiva, a partir de uma pesquisa rasa, diminuindo a potencialidade criativa e de pesquisa. Este trabalho com a memória e identidade, foi construído coletivamente de maneira afetiva, percebo sua potencialidade para o desenvolvimento de conteúdos e outras práticas pedagógicas, devido à flexibilidade da proposta construída.

Os alunos se envolveram em todas as propostas, se prontificaram a participar da alteração das aulas da disciplina, apresentaram interesse e disponibilidade para a pesquisa, explicitando assim como é significativo a eles a criação artística. Experienciar a arte como fazedor, espectador e fruidor, dentro do ambiente escolar possibilita a troca horizontal, onde o aluno não é só receptor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema educacional tradicional é um ambiente que nega a subjetividade do individuo, quando propõe-se que todos estudem objetividades, aprendam no mesmo tempo/ritmo em uma estrutura curricular que dispensa as identidades culturais e individualidades. Considerar a cultura individual é uma forma de troca de conhecimento significativo; criar práticas coletivas significativas aumenta a autoestima, valoriza a identidade.

Tendo em vista que cada aluno tem uma cultura a ser reconhecida e compartilhada, esta troca mútua estabelece conhecimento significativo, e novos parâmetros de identidade para além da cultura inicial, porque esta identidade é recriada na relação dos grupos. O nosso laboratório considerava os sujeitos que ali estavam, com suas histórias de vida, com sua competência artística, em um campo de experimentação onde colocamos na coletividade os pequenos fragmentos recolhidos.

Parti do princípio de haver uma relação direta entre os moradores do bairro e a cultura local; a noção de identidade contemporânea emergiu ao não encontrar a linearidade esperada e ao perceber que a fala dos alunos se relacionava com o envolvimento e com a proposta do trabalho.

Lançar mão da troca de experiências e ter a consciência da importância das várias culturas, é uma forma de pensar a educação não homogeneizada, respeitando as individualidades, sobretudo ressaltando a multiculturalidade que está (ou deveria estar) em constante diálogo com o ensino e se torna uma ferramenta facilitadora para o aprendizado significativo em qualquer área de conhecimento.

Compreender as ações efêmeras presente em um espaço que não é destinado a arte, mas é transformado em um lugar para tal, assim como para qualquer outro conteúdo do currículo formal de uma escola, mesmo sendo um ambiente inóspito, tem ainda sua sobrevivência garantida pela resistência, adaptabilidade, encantamento e por ser o lugar da possibilidade de diversas inteligências.

É nesse lugar de ampliação da percepção dos corpos em festa que descortinamos corpos políticos, que carregam a representatividade da comunidade e detém uma grande potencialidade narrativa, cênica e artística. Destaco três

momentos do trabalho, de experiência artística e protagonismo dos alunos:

Árvore Relicário - é ao mesmo tempo a pesquisa docente sobre as culturas presentes no grupo de estudantes e a sensibilização dos estudantes para se colocarem em contato com suas referências culturais num processo de criação em artes visuais. Com ela é possível mapear a origem dos estudantes, materializar um desenho de influências culturais dentro do grupo, e iniciar a experiência relacional. É um exercício que estimula a consciência de si mesmo e tange levemente na ancestralidade contida em cada história de vida. É uma prática em que cada um cria seu lugar.

Café de Afetos - aqui a música inicia as atividades, junto com alimentos com vínculo na memória afetiva de cada um e compartilhado com o grupo. A comida é a disparadora da memória. A roda do café acolhe a contação de história de cada um e de cada uma. A oralidade que na Curva de Vivência é centrada no Griô, se desloca aqui para a fala dos estudantes. A performance da contação de história abre espaço também ao teatro. As Árvores Relicários, as Músicas e os Alimentos são os disparadores das conversas. A liberdade e afinidade dos estudantes para se organizarem e se desorganizarem em grupos, pares ou na grande roda é parte do caminho para a descontração e o envolvimento. A intenção é que eles se tornem protagonistas a partir de narrativas.

Colher Miudezas e o Compartilhamento - o assunto recorrente no café se torna o tema para a criação artística, os estudantes sugerem os títulos que serão disparadores da criação artística. Para a atividade de fruição o professor deve, a partir dos temas estabelecidos por cada turma, selecionar e apresentar obras de arte para apreciação e leitura. As diferentes linguagens devem ser abordadas: telas, animações, músicas e outras obras que a sensibilidade do professor selecione. A proposta de produção artística é feita em grupos a partir de desenhos, cenas teatrais, fotografias, poemas, pinturas, esculturas, críticas de filmes e músicas.

Como inspiração pedagógica, a potência expressiva e relacional da Curva de Vivência, foi o pilar para a consciência de si, e do outro e do grupo. Revisitadas através da memória e reforçada pela identidade, a narrativa oral e a expressão artística são os alicerces para a proposição das aulas que reforçam a afetividade do grupo e fertilizam o terreno artístico para o mítico, histórico e cultural.

Nesse processo de desenvolvimento cognitivo e emocional do aluno, podemos refletir no que pode ser feito para efetivar o ensino e aprendizagem da

arte, a partir da experiência deste projeto afirmo a potencialidade do trabalho com a memória criativa, o compartilhamento dos alimentos, a liberdade de movimento, a oralidade de maneira sistematizada e ritualizada, possibilitando um processo educacional, criativo e artístico, plural e significativo.

Ocupar ambientes alternativos para ministrar aulas é uma forma simples e que tem um efeito positivo, pois muda o olhar e a percepção do aluno para tudo que está sendo experienciado por ele.

Reconhecer o público alvo do processo de ensino-aprendizado é um procedimento importante para nos localizarmos, preparamos e nos reinventarmos como docentes em constante estado de criação.

Destaco por fim, que o estado criativo de ser professora permitiu que o processo desenvolvido se mantivesse vivo e as ações buscaram novas propostas significativas para os estudantes. O resultado da pesquisa definiu o lugar das linguagens artísticas, trabalhou a memória por meio de visualidades, sabores, aromas, conversas e histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BONDIA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr,2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>

COSTA, Daniel. **Corpo-Festa: uma proposta poético-político- pedagógica no contexto da educação básica.** Revista Rascunhos: Caminhos da pesquisa em artes cênicas, v. 5, n. 3, p. 110-130, dez. 2018

DE MARINIS, Marco. **Corpo e Corporeidade no Teatro: da semiótica às neurociências. Pequeno glossário interdisciplinar.** R. bras. est. pres., Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 42-61, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/presenca>>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia.** Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70. 1989.

MEIRA, Renata Bittencourt.. **Experienciar, aprender, criar e ensinar.** Revista de Educação Popular, n.4, 2005, Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis.

Baila Bonito Baiadô: educação, dança e culturas populares em Uberlândia, Minas Gerais. Tese de doutorado defendida no programa de Pós Graduação em Educação da UNICAMP, 2007.

PACHECO, Lílian. Pedaogia Griô. **A Reinvenção da Roda da Vida.** Grãos de Luz e Griô. Lençóis, BA, 2006.

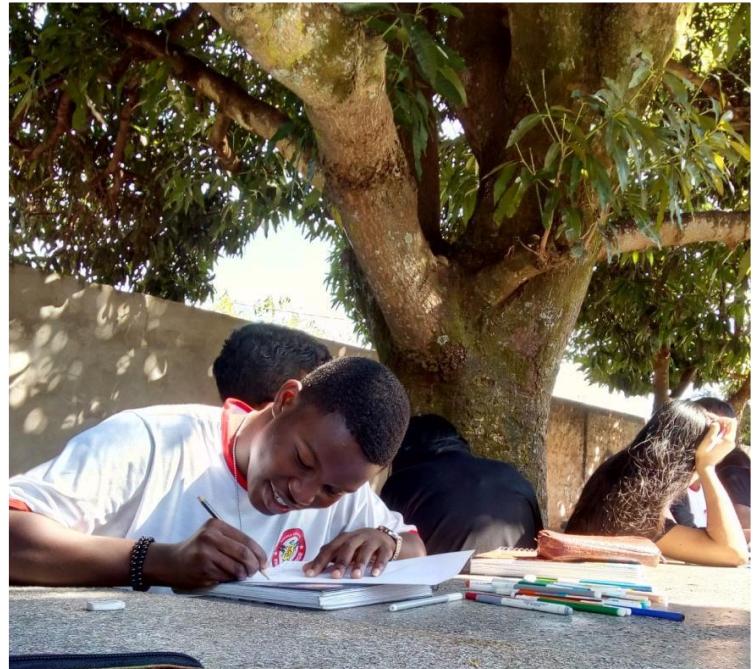
RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

ANEXOS:

Figura 9 - Criação da Árvore Relicário I



Figura 8 - Criação da Árvore Relicário II



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 11 - - Árvore Relicário I

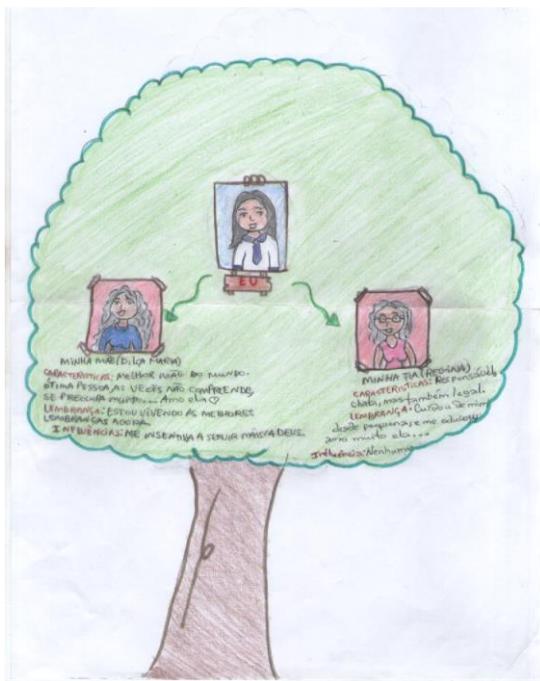
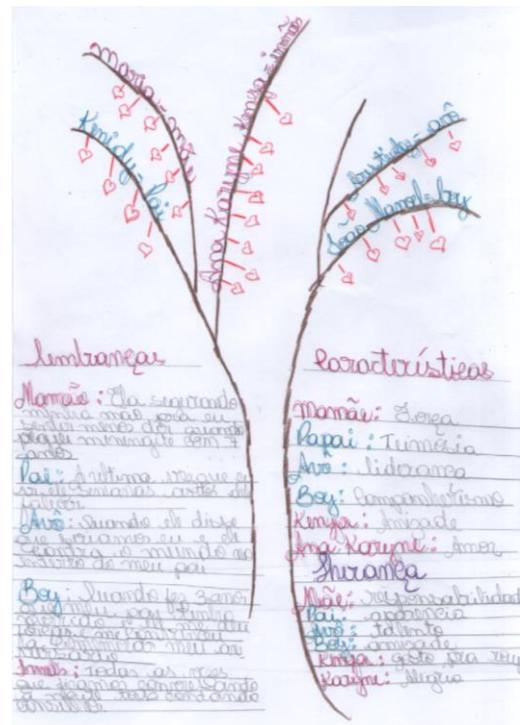


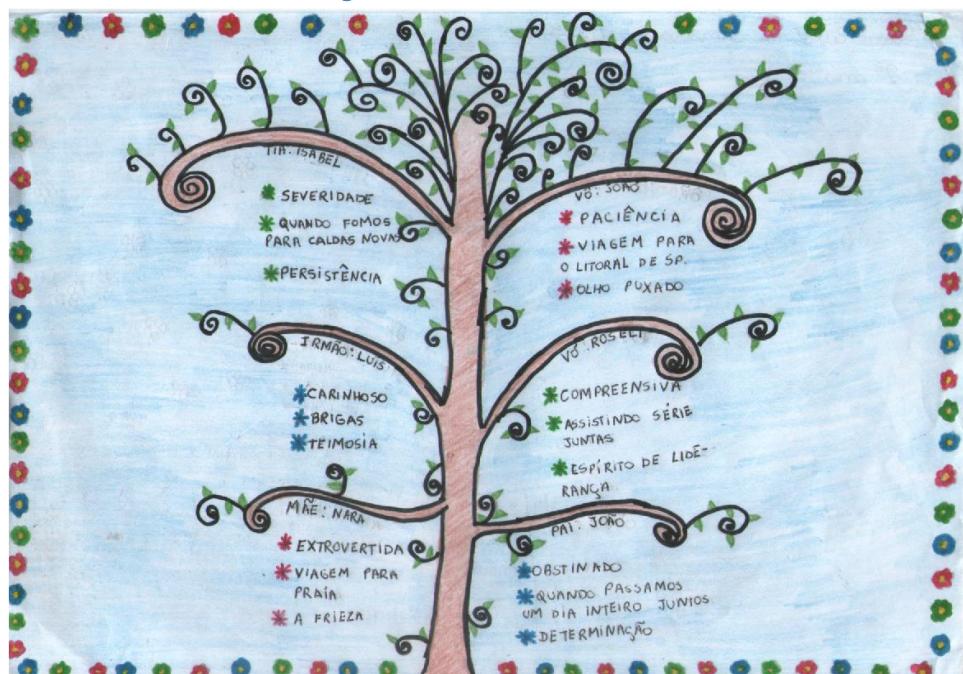
Figura 10 - Árvore Relicário II



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 12 - Árvore Relicário III



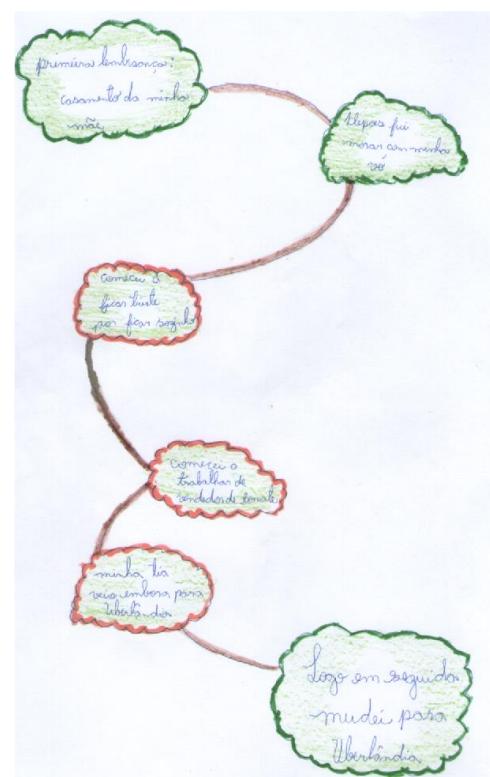
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 14 - Árvore Relicário IV



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 13 - Árvore Relicário V



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 15 - Árvore Relicário VI



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 16 - Árvore Relicário VII

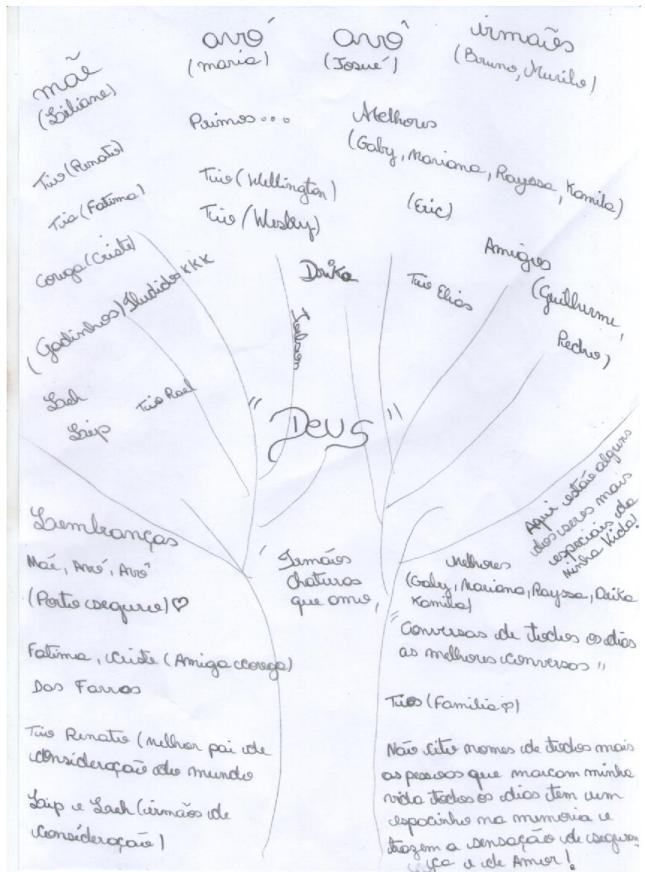
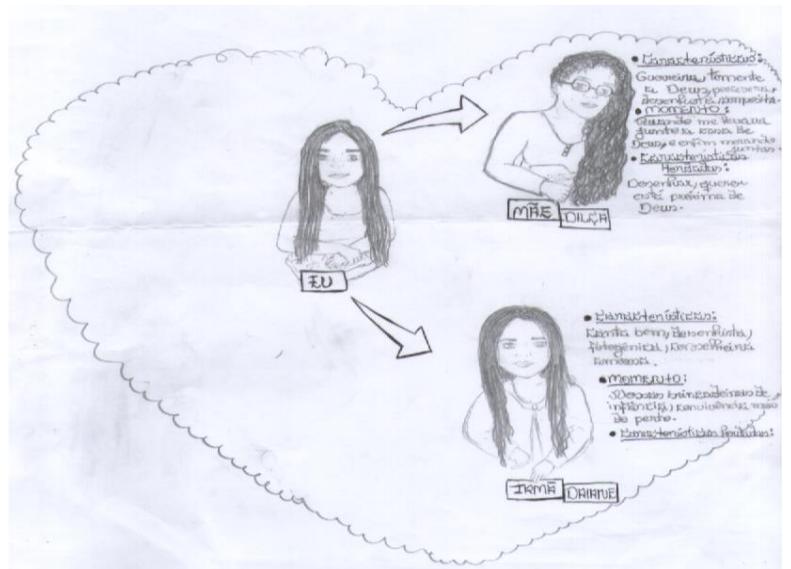


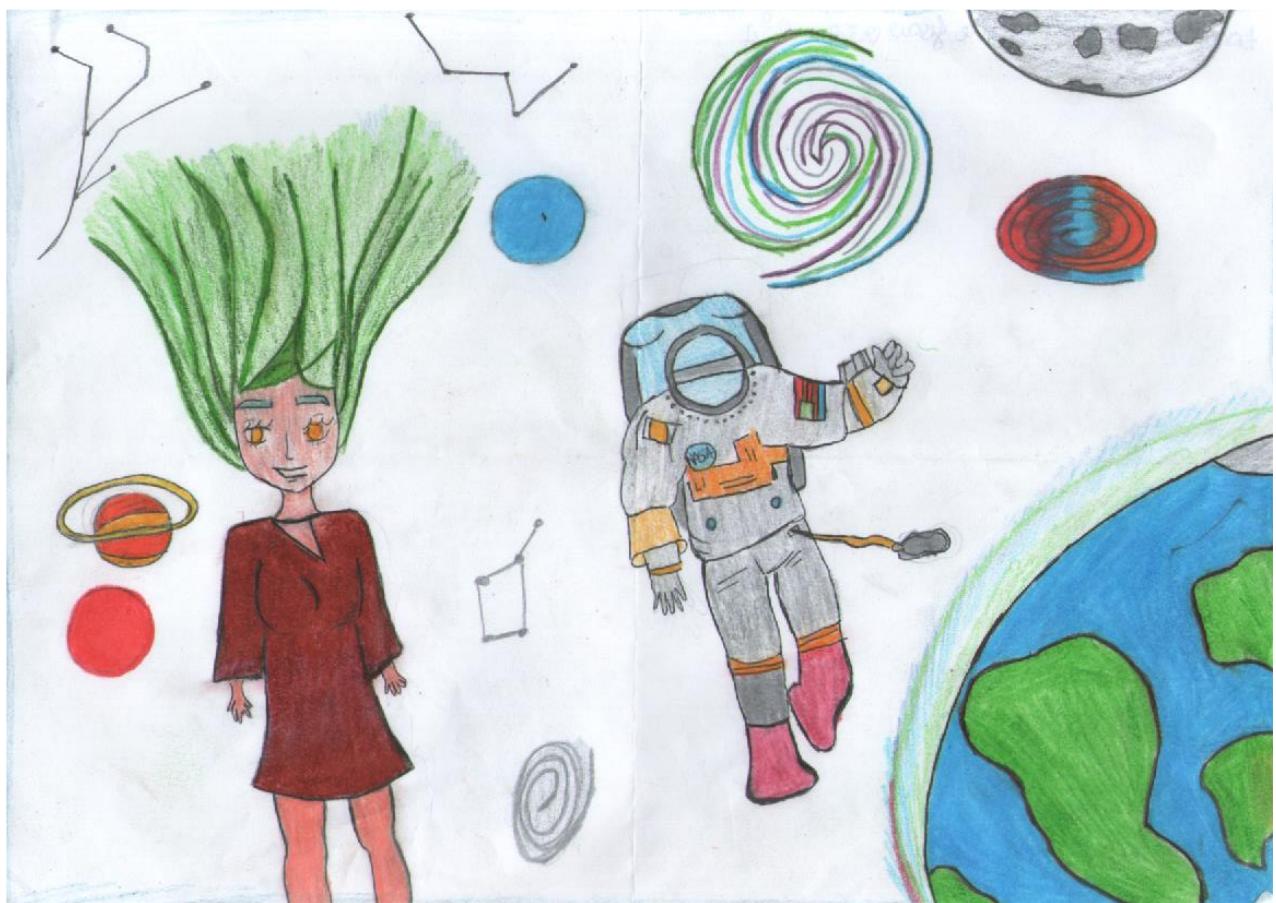
Figura 17 - Árvore Relicário VIII



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

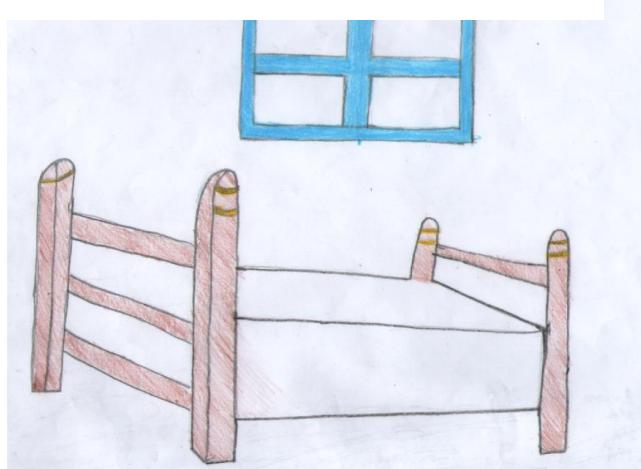
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 18 - Desenho “Controlar as constelações: sobre leituras antes de dormir”



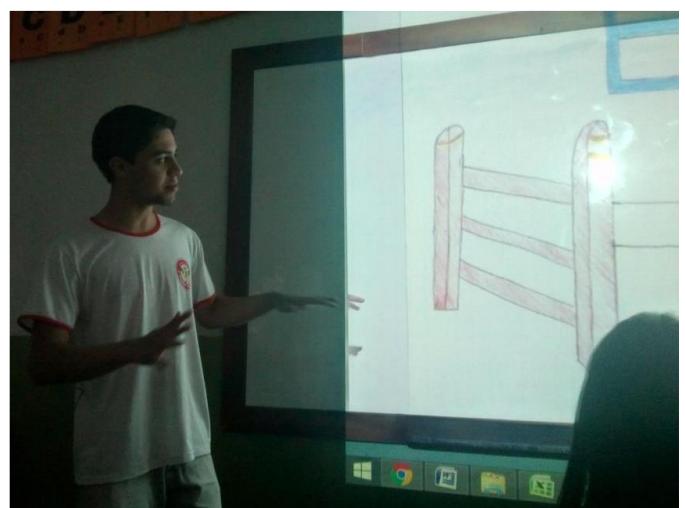
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 20 - Desenho "A gente passa mais tempo na cama"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 19 - Cena “A gente passa mais tempo na cama”



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 21 - Fotografia "O sonho de Carlos"



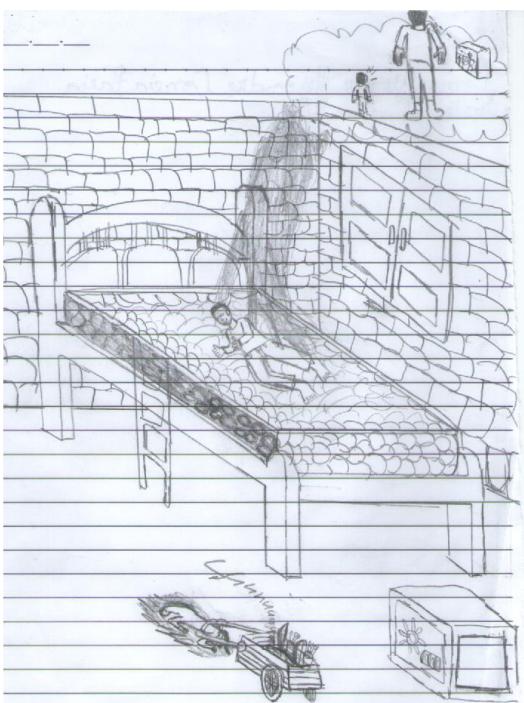
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 22 - Cena "O sonho de Carlos"



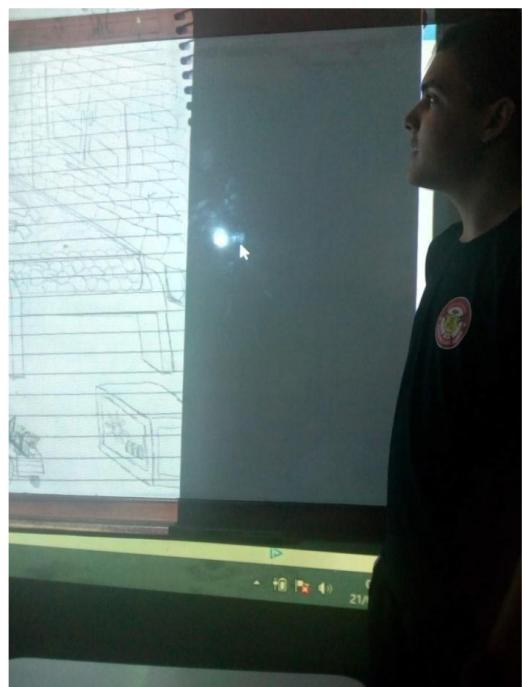
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 23 - Desenho "Lembranças: Meu avô previa o passado"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 24 - Contação de Histórias: "Lembranças: Meu avô previa o passado"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 25 - - Desenho "O ser avoado"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 26 - Desenho "Surfista dos sonhos"



Figura 27 - Edição e crítica do filme "A Hora do Pesadelo"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 28 - Produção de vídeo “Sonho, realidade, devaneio”



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Poema: Guerra

Poema: Guerra

Não sei como se sentia

Quando passou por essa agonia

Não sei como se sentia

Quando passou por essa agonia

Só sei que deve ter sido

uma verdadeira frente fria

Mas quer um conselho?

Apenas sorria

Sua guerra é real

E não tem nada igual

Se você tiver cautela

Vai passar por cima dela

Quem diria

Que depois de tanta dor o sol apareceria

E com ele todo choro sumiria

E o seu sorriso voltaria

Mesmo depois dessa guerra fria

Quem diria...

Que você sorria tanto

Mesmo depois de tanto espanto

Sorria

Hoje é um novo dia

Esqueça o que se passou

E o que mais te apavorou

Seja original

Quanto a sua digital

Mas viva sem medo

Entendendo que isso não é nenhum defeito

Você não é as feridas que ficaram em sua mente

E nem o seu passado que parece tão presente

Sonhe sem medo

Mesmo depois desse pesadelo!

Guerras, brigas e bombardeio

Ja chega de tanto desespero

Cutive e plante o amor,

E por favor...

Chega de tanta dor!!

Figura 29 - Escultura em massa de modelar "Aviões de Guerra"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 30 "O casamento de Irineu e Ana Baiana"

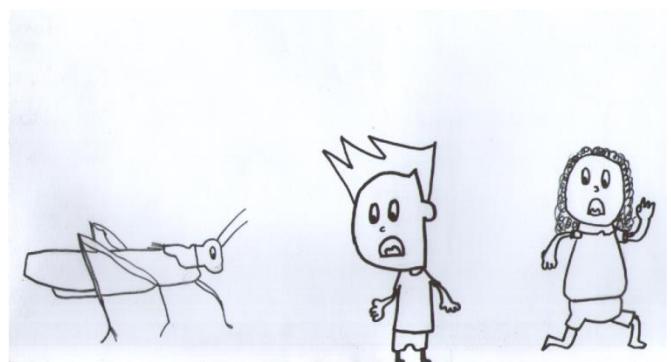


Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 32 - Brincadeira musicada "Foge fobia"



Figura 31 - Desenho "Foge fobia"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 33 - Contação de História "A Fuga de Jaci"

A fuga de Jaci.	Festivais de jangada para Jaci Bacuri Caxiá Caxiá Caxiá Caxiá		

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 34 - "História em Poema"

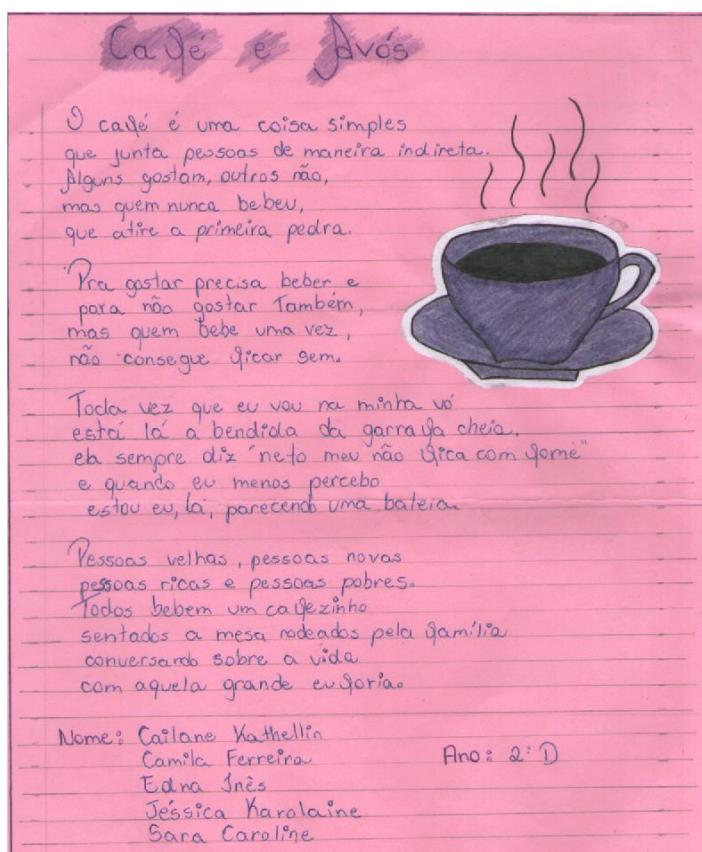
*Con um dia diafano como Jaci
Vou a Jaci provar o que brilha
Vou de Jaci a qual se não vê
de um ladrão carregando pra robar sua rada
Correndo como se não houvesse amanhã
Vou provar com elas ladrão
que de malha que não Jaci provar
porque sua rada cardeava um ladrão
I fogo era entre o ladrão e o policial
e a malha que estava carregando pelo gramado
de uma estrada com o sol que
nunca vira com um indíspido*

*João Batista Souto
Universidade de São Paulo*

*Em um dia lindo e diafano
com a luar do Sol no Pernão
estava eu naquela Sella
planando fugir da prisão
mas os Policiais tinham vigiada
e não descalou seu sai
tentou várias vezes
mas a mira estava sempre perto a bala
Vou tentar outras vezes
mas vão planear de outra forma
para sair dessa prisão, Vou tentar
o cara tem que ser bem feida...!*

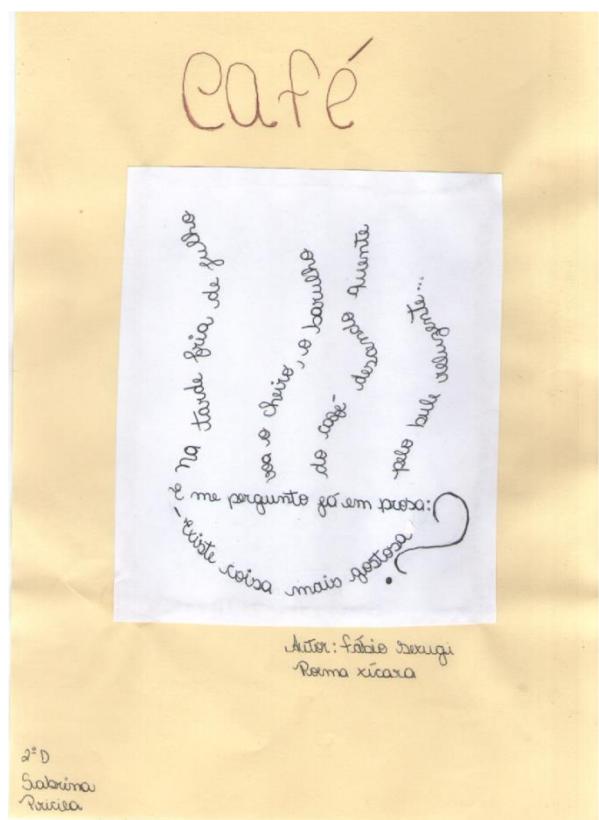
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 36 - Poema "Café e Avós"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 35 - Desenho, releitura da Obra "Café"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 37 – Vídeo “Entrevista com a vovó”



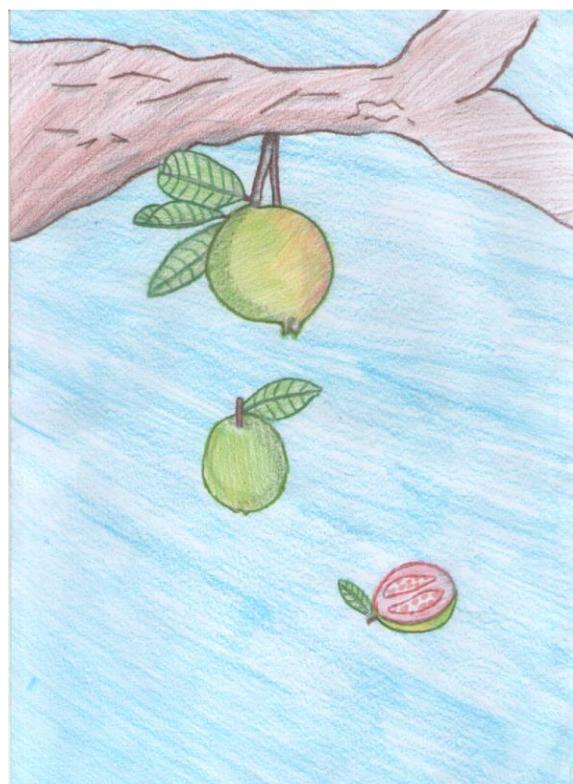
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.



Figura 39 - Desenho "Pausa para o café"



Figura 38 - Desenho "Goiaba"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 41 - Desenho "Lugar de criança, lugar de lembrança"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.

Figura 40 - 43 - Desenho "Por onde flor"



Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Paula Pereira Botelho, 2019.